

O COMPORTAMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES EM ALGUMAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE EMBU, SÃO PAULO, BRASIL

José Roberto da Silva BRÊTAS^a
Conceição Vieira da Silva OHARA^b
Dulcilene Pereira JARDIM^c

RESUMO

Trata de um estudo descritivo de cunho quantitativo, que teve como objetivo identificar alguns aspectos relacionados ao comportamento sexual de adolescentes. A população do estudo constituiu-se de 920 adolescentes entre 10 e 19 anos de idade que freqüentavam escolas de ensino fundamental e médio da Região de Santo Eduardo, município de Embu, São Paulo. Os dados foram obtidos por meio de um questionário com 28 questões estruturadas, cujos resultados demonstraram que 77% dos adolescentes gostavam do seu corpo, 71% buscavam informações sobre sexualidade e 35% consideravam os pais como principal fonte de informação; 26% dos adolescentes referiram vida sexual ativa, 79% deles tiveram sua primeira relação sexual com 14 anos ou menos e 81% deles relataram usar condom nas relações sexuais. Os resultados do estudo reforçaram a importância da orientação sexual junto a adolescentes favorecendo atitudes de prevenção.

Descritores: Adolescente. Comportamento sexual. Saúde pública. Sexualidade.

RESUMEN

Se trata de un estudio descriptivo cuantitativo, que tuvo como objetivo identificar algunos aspectos relacionados al comportamiento sexual de adolescentes. La población del estudio estuvo formada por 920 adolescentes entre 10 y 19 años de edad que asistían a instituciones de enseñanza primaria y secundaria de la Región de Santo Eduardo, municipalidad de Embu, estado de São Paulo, Brasil. Los datos fueron obtenidos por medio de un cuestionario con 28 preguntas estructuradas, cuyos resultados demostraron que al 77% de los adolescentes les gustaba su cuerpo, el 71% buscaba información sobre sexualidad y el 35% consideraba a los padres como la principal fuente de información; 26% de los adolescentes dijeron tener vida sexual activa, el 79% de ellos mantuvieron su primera relación sexual a los 14 años o menos y el 81% de ellos relató usar preservativo en las relaciones sexuales. Los resultados del estudio refuerzan la importancia de la orientación sexual con adolescentes para favorecer actitudes de prevención.

Descriptorios: Adolescente. Conducta sexual. Salud pública. Sexualidad.

Título: *El comportamiento sexual de los adolescentes en algunas instituciones de enseñanza de la ciudad de Embu, São Paulo, Brasil.*

ABSTRACT

It is a descriptive, qualitative study aimed at identifying some aspects related to teenagers' sexual behavior. The subjects of the study were 920 adolescents aged 10 to 19, who were attending primary and secondary schools in the region of Santo Eduardo, municipality of Embu, São Paulo, Brazil. The data were collected through a questionnaire with 28 structured questions. The results show that 77% of adolescents liked their bodies, 71% looked for information about sexuality, and 35% thought their parents were the primary source of information; 26% of them said they had an active sexual life, 79% had had the first sexual intercourse at the age of 14 or younger, and 81% used condoms. The results of the study emphasize the importance of providing sexual guidance for adolescents in order to encourage prevention attitudes.

Descriptors: Adolescent. Sexual behavior. Public health. Sexuality.

Title: *The sexual behavior of adolescents in some schools in the city of Embu, São Paulo, Brazil.*

^a Enfermeiro. Psicólogo. Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Líder do Grupo de Estudos sobre Corporalidade e Promoção da Saúde (GECOPROS), São Paulo, Brasil.

^b Enfermeira. Professora Associada da UNIFESP, São Paulo, Brasil.

^c Enfermeira. Mestranda em Ciências pela UNIFESP, São Paulo, Brasil.

INTRODUÇÃO

Na adolescência, o aprendizado da sexualidade não se restringe àquele da genitalidade, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo, que se acelera na adolescência e na juventude. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual na perspectiva⁽¹⁾.

Por isso, a adolescência vem ocupando, nas últimas décadas, um lugar de significativa relevância no contexto das grandes inquietações que assolam a comunidade mundial, tanto no campo da educação quanto no da saúde, contribuindo, em especial, à preocupação com problemas que vêm atingindo os jovens de todo o planeta, como: saúde sexual e reprodutiva, a gravidez precoce, o aborto inseguro e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (Aids)⁽²⁾.

A sexualidade é uma manifestação psicoafetiva individual e social que transcende sua base biológica (sexo) e cuja expressão é normatizada pelos valores sociais vigentes. O desenvolvimento sexual do adolescente sofre as influências dele próprio, da família, de sua cultura e de seus companheiros, sendo que a pressão do grupo é, talvez, o fator mais poderoso para determinar seu comportamento.

Se a esse dado soma-se o fato de que a falta de conhecimento sobre sexo e/ou o constrangimento provocado pelo tema faz com que os pais, educadores sexuais por excelência, não assumam esse papel, vê-se, freqüentemente, o adolescente iniciando uma atividade sexual num momento em que não está preparado.

Completando este quadro de influência sobre o desenvolvimento da sexualidade do adolescente, encontramos a escola, cenário deste estudo, a qual se mostra um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades educativas. A escola complementa o que é iniciado no lar, suprimindo lacunas, combatendo preconceitos, desenvolvendo respeito pelo corpo e pelos sentimentos⁽³⁾.

A motivação para a realização deste estudo teve como ponto de partida nossa experiência junto ao Projeto de Extensão Universitária "Corporalidade e Promoção da Saúde", em que desenvolvemos atividades de orientação sexual com uma po-

pulação de adolescentes e jovens que freqüentam três escolas públicas da Estância Turística do Município do Embu, São Paulo. As atividades do projeto estão vinculadas ao Programa de Integração Docente-Assistencial do Embu (PIDA/EMBU), instituído desde 1970 e caracterizado pela integração de ações desenvolvidas por diferentes departamentos acadêmicos da Universidade Federal de São Paulo, com a população moradora deste município.

Para atender as necessidades do projeto, o conceito de ação adotado foi o de Orientação Sexual⁽⁴⁾, que pode ser conceituado como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade humana e que se propõe a fornecer informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamento sobre a importância da prevenção, mudanças corporais, identidade, relações interpessoais, auto-estima, relações de gênero, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos, comportamentos sexuais e DST.

Neste contexto, este estudo teve como objetivos: identificar o comportamento sexual de adolescentes que participaram das oficinas de orientação sexual; fornecer informações ao Projeto de Extensão Universitária "Corporalidade e Promoção da Saúde".

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo que visa expor as características de determinada população ou fatos e fenômenos de determinada realidade. O mesmo promove um delineamento da realidade uma vez que esta descreve, registra, analisa e interpreta a natureza atual ou processos dos fenômenos. O enfoque deste método sobre as condições dominantes da realidade, ou como uma pessoa, grupo ou coisa, se conduz ou funciona no presente, empregando para este fim a comparação e o contraste. Na resolução de problemas, informa as condições atuais, necessidades e como alcançar resultados⁽⁵⁾.

O projeto deste estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo, sob o nº 1561/03, e obedeceu as normas estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos⁽⁶⁾.

Como princípio de inclusão da população adotou-se dois critérios: estar matriculado em uma das

três escolas e estar participando das atividades educativas do Projeto de Extensão Universitária "Corporalidade e Promoção da Saúde".

A coleta de dados deu-se mediante a aplicação de um questionário semi-estruturado, composto por 28 questões representando as variáveis relacionadas aos dados sócio-demográficos (idade, sexo, escolaridade, religião, estado civil) para caracterização da população estudada e ao comportamento sexual (auto-imagem, conhecimento sobre sexualidade, menarca, masturbação, namoro, orientação sexual, virgindade, iniciação sexual, contracepção, aborto).

Os dados obtidos foram analisados e interpretados em um contexto quantitativo, expressos mediante símbolos numéricos.

RESULTADOS

Os resultados relacionados ao comportamento sexual dos adolescentes estudados foram tabulados, organizados e apresentados a seguir.

A população desta pesquisa constituiu-se de 920 adolescentes, sendo 52% do sexo feminino e 48% masculino, na faixa etária entre 10 e 19 anos, com maior concentração (68%) entre 10 e 14 anos de idade, de três Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio, situadas na região de Santo Eduardo, do município do Embu, São Paulo.

A população estudada mostrou que 81% encontravam-se cursando o Ensino Fundamental, enquanto 16% o Ensino Médio e 3% não responderam. Com relação ao estado civil 83% eram solteiros, apenas 1% declararam casados e 16% não responderam. Quanto à religião, 55% referiram ser católicos, seguido dos evangélicos (17%), espíritas (1%), budistas (1%), testemunha de Jeová (1%), os agnósticos (15%) e 10% não responderam à questão.

Quanto à variável auto-imagem, 59% dos adolescentes consideravam-se atraentes, 87% simpáticos, 88% bonitos e 12% se achavam feios. Fisicamente, 51% consideravam-se magros, 73% uma "aparência normal", 13% consideraram-se "gordinhos" e apenas 8% declararam-se "gordos".

Ainda, 77% dos adolescentes responderam gostar do próprio corpo, 19% disseram não gostar e 4% não responderam a questão. Completando estes dados, 72% afirmaram estarem satisfeitos com as proporções do corpo, 27% não estavam satisfeitos e 1% não respondeu a questão.

A questão envolvendo o conhecimento sobre sexualidade revelou que 71% da população buscavam informações sobre a temática, sendo que 52% declararam possuir um bom conhecimento sobre o assunto, 43% consideravam seu conhecimento insuficiente e 5% não responderam.

Para resolver as dúvidas referentes à sexualidade, 35% dos adolescentes conversavam com os pais, 32% recorriam aos amigos, 6% perguntavam aos professores, 3% aos avós, 2% aos profissionais de saúde, 1% pesquisavam em livros e 1% recorria ao namorado (a). Uma parcela significativa da população (18%) referiu não conversar sobre a temática e 2% não responderam à questão.

A menarca se deu em maior porcentagem (31%) aos 12 anos, sendo que 7% das adolescentes ainda não havia menstruado. No período menstrual, 31% das adolescentes referiram permanecer tranquilas, 22% afirmaram ficarem intranquilas, 15% ficavam agressivas, 21% sentiam cansaço e 6% referiram sentir medo durante a menstruação.

Quanto à masturbação, 56% dos adolescentes afirmaram não se masturbar, 31% se masturbava e 13% abstiveram-se de responder a questão. Quanto à frequência da masturbação, 37% a praticavam uma vez por semana, 34% se masturbavam de duas a três vezes por semana, 8% de quatro a cinco vezes por semana e 14% mais de cinco vezes na semana.

Para 60% da população estudada não há uma idade certa para namorar. Para os que indicaram uma idade, 25% indicaram que deveria começar somente após os 15 anos. Destes, 60% já haviam namorado ou estavam namorando, 28% nunca namoraram e 2% não responderam a questão.

O namoro entre pessoas do mesmo sexo para 51% dos adolescentes é uma escolha sexual normal, enquanto que 13% consideraram a homossexualidade uma doença, para 34% é algo absurdo e 2% da população deixou de responder a questão.

A virgindade foi considerada importante para 79% dos adolescentes. Quanto à iniciação sexual, 70% dos adolescentes ainda não haviam tido a primeira relação sexual, 26% já se relacionavam sexualmente, sendo que esta iniciação se deu para 79% com 14 anos ou menos. Dos adolescentes que já tiveram sua primeira experiência sexual, 81% relataram que usaram ou já utilizaram a camisinha.

Quanto ao parceiro na primeira relação sexual, 45% relataram com namorado (a), 41% com um amigo (a), 3% com profissionais do sexo, 7% com primos (as) e 4% não responderam à questão.

Quanto à orientação do desejo sexual, 70% declararam-se heterossexual, 1% bissexual, 22% ainda não sabiam e 7% não responderam à questão. Nenhum adolescente que referiu ter tido relações sexuais declarou-se homossexual.

Entre os adolescentes com vida sexual ativa, 40% afirmaram que os pais nem desconfiavam que eles possuíssem vida sexual ativa, 16% dos pais sabiam, entretanto, fingiam não saber, 16% conversavam com os pais sobre tudo, 23% afirmaram não ter diálogo sobre sexo com os pais e 5% não responderam a questão.

Como método contraceptivo, 66% dos adolescentes pesquisados referiram usar o condom, 8% utilizavam a pílula, 12% não usavam nenhum método para evitar a gravidez e 14% não responderam à questão.

Na questão do aborto, a maioria dos adolescentes (83%) não faria ou ajudaria alguém a fazer um aborto, 15% ajudariam ou fariam um aborto e 2% não responderam à questão.

DISCUSSÃO

Os resultados revelaram que a maioria dos adolescentes tinha uma visão positiva de si mesmo, consideravam-se bonitos, atraentes, simpáticos e aparentemente satisfeitos com seus corpos. Somente 12% se achavam feios.

O corpo é um importante elo de identificação para os adolescentes. A preocupação com a beleza será marcante nesta fase, na medida em que ela propiciará a chance de se destacar no grupo. Neste contexto, a auto-imagem positiva é de suma importância, pois no aspecto psicológico do adolescente é um dos fatores determinantes à manifestação de sua sexualidade. Este momento é caracterizado pelas mudanças corporais, adquirindo o corpo um significado mais relevante, pois será por meio dele que haverá ou não a identificação consigo mesmo, com os pares do seu grupo, e a percepção do olhar do outro. Conhecer este contexto auxilia-nos a compreender as características desta fase de intensas transformações que configuram a adolescência⁽⁷⁾.

A maioria dos adolescentes deste estudo buscava informações sobre sexualidade. Os pais e os amigos, respectivamente, consolidaram-se como as principais fontes de informação sobre sexualidade, seguidos dos professores, o que confirma a importância da educação sexual fornecida prioritaria-

mente pela família com influência social direta, além de eleger a escola como um ambiente propício à orientação sexual⁽⁸⁾. Porém, muitos pais apresentam enormes dificuldades quando se trata da sexualidade dos filhos adolescentes, acabando por transferir o papel educativo a terceiros e reproduzindo formas disciplinares de controle, perpetuando assim um ciclo por muitas gerações.

Neste contexto, a maioria dos pais atribui a tarefa da orientação sexual⁽⁴⁾ de seus filhos à escola e esta, por sua vez, apresenta dificuldade em cumprir tal tarefa, pois é importante considerar também o fato de que o professor pode sentir-se despreparado em lidar com aspectos da orientação sexual junto a seus alunos⁽⁸⁾.

Outra importante parcela da população (18%) referiu não buscar informações sobre as questões da sexualidade, configurando-se em um grupo de risco para a gravidez precoce e/ou transmissão de DST/Aids, entre outros.

Em relação ao assunto menarca, a maior porcentagem da população indicou 12 anos como a idade de maior ocorrência da mesma. A precocidade da menarca na adolescência nos remete à necessidade da orientação sexual precoce, para garantir a efetividade das informações sobre sexualidade num caráter preventivo, pois as tendências de queda da idade média da menarca e da iniciação sexual aparecem associadas à gravidez na adolescência⁽⁹⁾.

Durante o período menstrual, 6% das meninas referiram sentir medo, o que sinaliza a existência de tabus e a falta de informação. Trata-se de um marco de passagem da infância da menina para a adolescência, que assume um papel importante nesta fase de socialização. Independentemente do segmento social, ainda caracteriza-se como rito de passagem valorizado nas sociedades modernas.

A masturbação é praticada por uma expressiva porcentagem dos adolescentes. Apenas uma parcela deles não respondeu a questão, o que pode refletir a vergonha ou incômodo em compartilhar a intimidade sobre um assunto que ainda é considerado um "tabu" social. Em época ainda recente foi considerado um ato prejudicial à saúde, devido a conseqüências bastante sérias tais como cegueira, surdez, espinhas, fraqueza, impotência, debilidade mental, loucura e outros desvarios⁽²⁾.

A adolescência é caracterizada por ser um período de descobertas, incluindo a descoberta do próprio corpo e da sexualidade, sendo que o ato de

masturbar-se é uma das maneiras pelas qual o jovem pode conhecer e explorar o seu próprio corpo e a sua sexualidade, sendo muito importante para o desenvolvimento da genitalidade adulta⁽⁸⁾.

Para a população deste estudo não havia idade certa para se iniciar o namoro, a maioria já namorou ou namorava por ocasião da pesquisa. Outros respondentes indicaram 15 anos a idade ideal para se iniciar um namoro.

O relacionamento afetivo é fundamental para que se estabeleçam identificações, favorecendo a formação da identidade adolescente, experimentando no namoro a relação de companheirismo, determinando como se comportam em uma relação a dois, havendo trocas e experiências íntimas, com ou sem o intercurso sexual⁽¹⁰⁾.

O namoro entre pessoas do mesmo sexo foi considerado normal para a maioria dos adolescentes, mas ainda expressiva porcentagem considerou doença e “um absurdo”, confirmando a existência de postura ainda discriminatória quanto à orientação do desejo sexual⁽¹¹⁾ dos indivíduos. Uma pesquisa realizada em escolas demonstrou que 60% dos alunos adolescentes não gostariam de estudar ao lado de homossexuais e que 40% dos professores não sabem lidar com esse tipo de orientação do desejo sexual⁽³⁾.

A virgindade foi considerada importante para a maioria dos adolescentes, confirmando ser um valor social atribuído, especialmente à mulher, na sociedade patriarcal. Porém, a adoção de comportamentos modernos tem se confrontado com a manutenção das tradições, pois ter relações sexuais com o namorado a aproxima das práticas atuais de relacionamento afetivo e de liberdade sexual, não se diferenciando entre o grupo na qual se encontra inserida⁽¹²⁾.

A iniciação sexual ocorreu para 26% dos adolescentes que participaram do estudo, sendo que destes, a experiência ocorreu com 14 anos ou menos. Confirmando que os adolescentes têm iniciado sua vida sexual cada vez mais cedo, o que colabora para não utilização de proteção na primeira relação sexual devido a sua imaturidade etária, emocional e afetiva⁽¹³⁾.

Alguns autores consideram como fatores de proteção na prática sexual dos adolescentes a maior escolaridade, melhores condições sociais, conviver com ambos os pais, podendo postergar a idade de iniciação sexual e facilitar o uso de proteção na primeira relação sexual^(1,2,14,15). Dados apontam que

32,8% dos jovens brasileiros entre 12 e 17 anos já iniciaram a sua vida sexual, aumentando as chances de paridade juvenil entre 12 e 20 vezes⁽²⁾.

A precocidade da iniciação sexual vem apenas confirmar a importância da orientação sexual começar na infância para que o adolescente possa fazer uso dessas informações preventivas no início de sua vida sexual, minimizando os riscos inerentes a esta prática.

O uso do condom foi indicado por uma significativa parcela dos adolescentes com vida sexual ativa, o que aparentemente demonstra conhecimento desta forma de prevenção. No Brasil, assim como em outros países, tem havido aumento do uso de preservativo pelos adolescentes⁽¹⁵⁾. Porém, há estudos com adolescentes que referiram nunca ter usado o condom, apesar de conhecerem os riscos aos quais estavam expostos⁽¹⁶⁾.

Se o uso de preservativos aumentou entre os jovens, ele ainda não é usado por todos e nem em todas as relações sexuais, pois o seu uso depende, entre outros fatores, do envolvimento afetivo do momento, questões financeiras e de acesso aos métodos, bem como o grau de liberdade e autonomia alcançadas nesta faixa etária. Os jovens que usam preservativo na iniciação sexual tendem a manter esta prática no decorrer da sua vida sexual, reforçando mais uma vez a necessidade da orientação da sexualidade precoce⁽¹⁷⁾.

Na iniciação sexual, a maioria (86%) dos adolescentes teve como primeiro(a) parceiro(a) sexual o(a) namorado(a) ou amigo(a), resultado que corrobora com outros estudos, em que os jovens têm, então, iniciado sua atividade sexual com seus parceiros, muitas vezes, no primeiro relacionamento afetivo⁽¹²⁾. Uma pequena parcela teve como parceiro um profissional do sexo, o que corresponde historicamente a uma parcela dos homens no Brasil, que teve como possíveis parceiras sexuais prostitutas ou empregadas domésticas⁽¹⁸⁾.

Na realidade, o que parece estar havendo é a ocorrência de novas possibilidades dos adolescentes buscarem parceiros com idades similares, o que significa novos padrões de relações para a ocorrência da atividade sexual.

Quanto à orientação do desejo sexual⁽¹¹⁾, a maioria se declarou heterossexual, e uma expressiva porcentagem diz ainda não haver se definido. Trata-se de uma posição compreensível, pois os adolescentes estão deixando para trás a bissexualidade e, com base na primazia da genitalidade, es-

tabelecendo diferenciação entre sexos e a eleição do objeto sexual⁽¹⁹⁾.

Na relação com os pais, 40% dos adolescentes referiram que os mesmos não desconfiavam que tivessem vida sexualmente ativa. Outra significativa parcela referiu não manter diálogo sobre sexo com os pais. Estes dados demonstraram certa discordância, quando comparamos estes dados aos referentes às principais fontes de informação sobre sexualidade, em que a principal fonte de diálogo e informação apontada foram os pais (35%). Sabemos que a educação sexual é uma responsabilidade inicialmente da família, começando desde o nascimento e se consolidando com o passar do tempo. Se os pais não cumprem sua tarefa, expõem seus filhos a informações, na maioria das vezes desconexas, recebidas da mídia e dos amigos.

Entretanto, lidar com a sexualidade dos filhos não é uma tarefa fácil para a maioria dos pais, pois, muitas vezes, necessitam se defrontar com a própria sexualidade, e esta situação pode gerar, por vezes, angústia. A sexualidade dos filhos traz à tona, para muitos pais, aspectos reprimidos da própria sexualidade⁽⁸⁾. Diante desta limitação, há uma transferência para a escola de uma responsabilidade que muitos pais não se dispõem ou encontram dificuldades de assumir. E, quando a prática sexual dos filhos não é discutida na família, o gerenciamento da contracepção à revelia dos pais torna-se mais difícil. No entanto, o fato dos pais estarem cientes e a recomendarem não significa que serão feitas⁽²⁰⁾.

O método de contracepção eleito pelos adolescentes foi o condom, seguido em menor porcentagem pela pílula. O condom é o método de prevenção de gravidez e DST mais conhecido e mais usado entre os adolescentes⁽²⁾. Embora 12% tenham referido não usar nenhuma forma de prevenção e 14% deixaram de responder a questão.

A preocupação e a responsabilidade da contracepção quase sempre recaem sobre a mulher, sendo o uso do preservativo como método de prevenção das DST e gravidez uma forma de dividir a responsabilidade da contracepção⁽¹⁶⁾. Porém, os relacionamentos estáveis implicam na diminuição do uso de preservativo e o conseqüente aumento do uso de outros métodos contraceptivos, como a pílula, pois, a prioridade deixa de ser a proteção das DST e passa a ser a prevenção da gravidez⁽¹³⁾.

Somente vivenciando esta situação que o adolescente poderá decidir-se pela maternidade ou

o aborto. A decisão do aborto raramente é tomada de forma solitária pelos adolescentes, pois as famílias se posicionam oferecendo condições materiais e apoio para sua realização, com base nos valores morais e religiosos⁽²⁾.

CONCLUSÕES

A abordagem escolhida para nortear este estudo junto à população de adolescentes revela que atingimos o propósito de identificar comportamentos, formas de inter-relacionamentos e conhecimento das práticas preventivas. Além da contribuição para o Projeto de Extensão Universitária "Corporalidade e Promoção da Saúde".

Os resultados mostraram que os adolescentes procuravam buscar informações sobre sexualidade e alguns se consideravam bons conhecedores do assunto, tendo como principal fonte de informações os pais e os amigos. A educação sexual é inicialmente uma função da família e vai se consolidando com o passar do tempo sob outras influências sociais, como a escola, que se consolida como espaço propício para o desenvolvimento de ações de cunho preventivo centrado principalmente na pessoa do professor, que deve estar preparado para a função.

Os resultados mostraram uma precocidade na idade de iniciação sexual, porém, um achado interessante do estudo foi o uso do preservativo nas relações sexuais atuais e anteriores. Esta prevalência do uso do preservativo entre os adolescentes estudados confirma a literatura sobre a temática, que aponta o aumento do uso em relação há alguns anos atrás.

Tudo isso é motivador e vem reforçar a necessidade da informação contínua sobre sexualidade para o estímulo de hábitos mais saudáveis na relação com o outro.

Assim, acreditamos que o comportamento sexual humano, quando vivenciado sem riscos, pode proporcionar alegria, prazer e satisfação. Ao contrário, quando há desconhecimento e despreparo, o resultado pode ser desagradável e provocar sofrimento, principalmente se ocorrer gravidez não programada, além sofrer as ameaças e conseqüências de uma DST. Por isso, ultimamente, muito se fala sobre sexo seguro, o que significa poder vivenciar a sexualidade de forma satisfatória, sem o temor da ocorrência dessas complicações, as quais podem colocar em risco a própria saúde e a vida.

REFERÊNCIAS

- 1 Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR, organizadores. O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz; 2006.
- 2 Castro GC, Abramovay M, Silva LB. Juventudes e sexualidade. Brasília (DF): UNESCO; 2004.
- 3 Egypto AC. O projeto de orientação sexual na escola. In: Egypto AC, organizador. Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez; 2003. p. 13-31.
- 4 Suplicy M, Egypto AC, Vonk FVV, Barbirato MA, Silva MCP, Simonetti C, et al. Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia. 10ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1994. v. 1.
- 5 Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas; 2006.
- 6 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. O Mundo da Saúde 1996;21(1):52-61.
- 7 Leite CI, Rodrigues NR, Fonseca MC. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das Regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Cadernos de Saúde Pública 2004;20(2):474-81.
- 8 Brêtas JRS, Silva CV. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. Acta Paulista de Enfermagem 2005;18(3):326-33.
- 9 Cabral CS. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. Cadernos de Saúde Pública 2003;19(Supl 2):283-92.
- 10 Torres GV, Davim RMB, Almeida MCS. Conhecimentos e opiniões de um grupo de adolescentes sobre a prevenção da AIDS. Revista Latino-Americana de Enfermagem 1999;7(2):41-6.
- 11 Picazio C. Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus; 1998.
- 12 Gonçalves H, Gigante D. Trabalho, escolaridade e saúde reprodutiva: um estudo etno-epidemiológico com jovens mulheres pertencentes a uma coorte de nascimento. Cadernos de Saúde Pública 2006;22(7):1459-69.
- 13 Ministério da Saúde (BR). Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS, PN DST e Aids. Brasília (DF); 2000. (Série Avaliação; 4).
- 14 Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Programa Saúde do Adolescente. São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; 2003.
- 15 Teixeira AMFB, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. Cadernos de Saúde Pública 2006;22(7):1385-96.
- 16 Silva CV, Brêtas JRS, Ferreira D, Correa DS, Cintra CC. Uso da camisinha por adolescentes e jovens: avaliação da seqüência dos procedimentos. Acta Paulista de Enfermagem 2004;17(4):392-9.
- 17 Martins LBM, Costa-Paiva LHS, Osís MJD, Souza MH, Pinto-Neto AM, Tadini V. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. Cadernos de Saúde Pública 2006;22(2):315-23.
- 18 Leal AF, Knauth DR. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. Cadernos de Saúde Pública 2006;22(7):1375-84.
- 19 Brêtas JRS. A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. Temas Sobre Desenvolvimento 2004;12(72):29-38.
- 20 Brandão ER, Heilborn ML. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. Cadernos de Saúde Pública 2006;22(7):1421-30.

Endereço do autor / Dirección del autor / Author's address:

José Roberto da Silva Brêtas
Rua Carneiro da Cunha, 517, ap. 11, Saúde
04144-000, São Paulo, SP
E-mail: bretas.roberto@unifesp.br

Recebido em: 05/05/2008
Aprovado em: 06/10/2008